

O QUE É PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

Vera P. Saldanha Garcia

Vivaldo P. Saldanha (colaborador)

A Psicologia Transpessoal representa um resgate do processo histórico da psicologia ocidental, desde de os seus primórdios, quando se separou da Filosofia adquirindo o status de ciência.

Traz em seu arcabouço a perspectiva de liberar os potenciais inimagináveis de mente humana, conclamados por William James no início do século passado (James Apud Fadiman, 1986)

Mas foi necessário um tempo de amadurecimento da própria Psicologia, através do behaviorismo, psicanálise, humanismo com contribuição de muitos precursores para que a Psicologia Transpessoal pudesse se manifestar trazendo uma dimensão espiritual como parte inerente ao ser humano.

Assim, neste capítulo muito mais do que apresentar “o que é Psicologia Transpessoal”, permitimos ao leitor levantar suas próprias inquietações e suscitar reflexões à respeito do papel da Psicologia Transpessoal em nosso mundo contemporâneo, mais ainda o que representa esta abordagem em sua prática profissional, em sua vida pessoal e sobretudo qual será o significado, o alcance e o impacto da Transpessoal a partir do início de terceiro milênio.

Se nos remetermos à retrospectiva do século XX, veremos que ele foi configurado como uma era extremada.

Imensos avanços nas ciências naturais e a mais impressionante evolução em transportes e comunicações se fizeram presentes, quase anulando tempo e distância, inequalando a quantidade de informações que se podia obter todos os dias, a qualquer hora, em uma boa parte do mundo. E o século terminou com historiadores questionando o estado de inquietação que substituiu as devidas comemorações do progresso. (Hobsbawn, 2001)

Porque tantos cérebros pensantes o vêm em retrospecto sem satisfação e com pouca confiança no futuro?

Conseqüência da coexistência havida com catástrofes, crises, sofrimentos e incertezas?

Jamais no curso da história tantas pessoas foram mortas ou abandonadas à própria sorte por pura decisão humana.

Com o aval das reflexões de Hobsbawm fica evidenciado o quão pouco conhecemos sobre nossa própria espécie e principalmente quão desprovidos desse mesmo conhecimento foram homens e mulheres, autores de decisões públicas de grandes e dolorosas conseqüências.

Para minimizar o risco de o mundo ser palco de explosão e implosão devemos ter em mente que o futuro não pode ser uma mera continuação ampliada desse passado.

No final dos anos quarenta, Maslow (Abraham Harold Maslow: 1908 – 1970) que teve um papel central no surgimento da Psicologia Transpessoal, já trazia essas inquietações. Assinalava que noventa e cinco por cento dos artigos veiculados em periódicos ou citados em conferências sobre como seria o mundo no ano 2000 se ocupavam dos avanços apenas no plano material: industrialização, modernização e capacidade bélica, sem preocupação com o incremento da capacidade de destruição em massa.

Pessoas más ou estúpidas tendo nas mãos mais recursos e tecnologias mais avançadas causariam danos muito maiores e mais terríveis. Essa postura, acreditava Maslow, era não apenas “ingênua”, mas inconseqüente.(Maslow: 1990)

A ciência pode e deve agregar valores. Uma ciência sem valores não é apenas amoral, mas imoral, nos alertava Maslow.

Vivendo num universo pós duas Guerras Mundiais, surpreendia-se com o quão pouco a psicologia havia até então contribuído com as questões culturais e sociais responsáveis por intensas dores e sofrimento humano.

Afinal, quem era esse ser capaz de fatos notáveis, de criar e inovar, de se sensibilizar diante de uma criança e ao mesmo tempo responsável pelo extermínio em massa nos campos de concentração?

Nesse sentido, afirmava que tínhamos dois grandes problemas mundiais:

1. Precisávamos de uma sociedade boa que promovesse seres humanos saudáveis
2. Precisávamos de seres humanos saudáveis para gerar uma boa sociedade

Mas o que seria um ser humano saudável e que pudesse promover uma sociedade de fato saudável? Os estudos e teorias da psicologia até aquele momento haviam se debruçado exclusivamente sobre a doença.

Durante muitos anos Maslow estudou, pesquisou e investigou o que considerava como seres humanos saudáveis, ou seja, indivíduos que mesmo sem serem perfeitos, enfrentavam seus desafios com esperança, força e solidariedade (Maslow: 1968).

A constatação mais contundente de suas pesquisas é a de que todos os indivíduos considerados seres humanos saudáveis haviam tido vivências significativas de cunho

espiritual e que isso independia da pessoa estar ou não ligada a alguma religião instituída. Maslow denominou essa vivência de “experiência culminante” ou “transcendente”.

Criou também o termo “instintóide” para pontuar essa dimensão superior, algo que fazendo parte da natureza subjetiva humana favorece a emergência de valores positivos (Maslow: 1968).

A negação dessa dimensão espiritual no indivíduo impede a manifestação dos valores positivos necessários e gera pessoas de mentes restritas em suas possibilidades. Essa dimensão superior não está na consciência de vigília, mas sim no inconsciente. Resgatar a dimensão superior do inconsciente e promover sua expressão é, segundo Maslow, uma das tarefas essenciais da Psicologia nas distintas áreas de atuação (Maslow 1968).

Acreditava que todas as barreiras da comunicação, mesmo em grande escala, tinham sido geradas por falta de comunicação dentro do próprio indivíduo. Quando não propiciamos uma interlocução para os aspectos mais sombrios e mais elevados do inconsciente, criam-se inúmeras barreiras para o desenvolvimento saudável que se propagam de forma intensa e se manifestam no coletivo, provocando confrontos e conflitos em uma escala bem mais acentuada (Maslow: 1990).

Esse processo na estrutura social é identificado por Maslow como “normopatia”. A patologia do indivíduo negar a própria essência passa a ser a norma vigente. Perde-se o sentido do “sagrado” na vida cotidiana tanto pessoal quanto social. O “sagrado” refere-se àquilo que está no mundo, mas não é do mundo. É sagrada, portanto, a dimensão superior que está na pessoa, mas não se restringe a identidade exclusivamente pessoal. Vai “além” e “através” dela em suas relações. É a dimensão Transpessoal.

O termo “transpessoal” foi, na verdade, referendado pela primeira vez na área da psicologia por Carl Gustav Jung, utilizando a palavra *überperson* em 1916 e *überpersönlich* em 1917, que significam supra pessoa e supra pessoal respectivamente (Simões: 1997).

Como uma nova abordagem em Psicologia, a Transpessoal foi anunciada no ano de 1968 pelo próprio Maslow, no prefácio da Segunda edição de seu livro “*Toward a Psychology of Being*”, quando era presidente da *American Psychological Association* e presidente do Conselho do Departamento de Psicologia de *Brandeis University* (gestão de 68/69).

“ - Devo dizer que considero a Psicologia Humanista ou Terceira Força de Psicologia, apenas transitória, uma preparação para a Quarta Psicologia, ainda mais elevada, transpessoal, transhumana, centrada mais no cosmo do que nas necessidades e interesses

humanos, indo além do humanismo, da identidade, da individuação e quejandos ...” (Maslow: s.d., 12)

No ano seguinte Maslow fundou a Associação de Psicologia Transpessoal, com sede na Califórnia, com Carl Rogers, Victor Frankl; Antony, Sutich; Charlotte Buhler, Stanislav Grof e Jim Fadiman. Fundou, também, o *Journal of Transpersonal Psychology* com Antony Sutich, que foi o editor e primeiro diretor desde 1969 até a sua morte em 1976.

Na primeira edição do referido jornal Antony Sutich, com uma ressalva do caráter provisório e de uma evolução posterior do conceito, publicou uma longa definição:

“Psicologia Transpessoal ou Quarta força é o título dado à uma força que está emergindo no campo da psicologia, por um grupo de psicólogos e profissionais, homens e mulheres de outros campos que estão interessados naquelas capacidades e potencialidades últimas que não têm um lugar sistemático na teoria positivista e behaviorista (“primeira força”) nem na psicanálise clássica (“segunda força”) nem na psicologia humanista (“terceira força”). A Psicologia Transpessoal se relaciona especialmente com o estudo empírico e a implementação das vastas descobertas emergentes das meta-necessidades individuais e da espécie, valores últimos, consciência unitiva, experiências culminantes, valores do ser (*being-ser*) êxtase, experiência mística, arrebatamento, último sentido, transcendência de si, espírito, unidade, consciência cósmica, vasta sinergia individual e da espécie, encontro supremo, interpessoal, sacralização do cotidiano, fenômeno transcendental, bom humor cósmico, consciência sensorial, responsividade e expressão elevadas ao maximum, conceitos experienciais, e atividades relacionadas”. (Sutich: 1969: ano 1, nº1, 15)

A ênfase necessária à dimensão “superior da consciência” fez com que fossem geradas certas interpretações errôneas supondo que a Psicologia Transpessoal negligenciava as dimensões pessoal e social.

Assim ao longo do desenvolvimento desta abordagem alguns autores sentem a necessidade de diferenciar a “experiência transpessoal” do próprio percurso da psicologia transpessoal e suas aplicações (Walsh, Vaughan: 1997)

O *movimento* transpessoal é o movimento interdisciplinar que inclui e integra as diversas disciplinas transpessoais, as quais se dedicam à inclusão e ao estudo das experiências transpessoais, fenômenos correlatos e suas aplicações dentro de sua área de estudo.

Lembrando-nos de que Antony Sutich em 1975 propôs que se denominasse de Orientação Transpessoal os diferentes trabalhos que seguissem os postulados fundamentais da Transpessoal, elaborados por Maslow, hoje podemos encontrar este enfoque em distintas áreas, como:

A *psiquiatria* transpessoal que é a área que se concentra no estudo das experiências e fenômenos transpessoais, enfocando, particularmente, seus aspectos clínicos e biomédicos.

A *antropologia* transpessoal que é o estudo transcultural dessas experiências e da relação entre a consciência e a cultura.

A *sociologia* transpessoal que estuda as dimensões, repercussões e expressões sociais dos fenômenos transpessoais, a *ecologia* transpessoal que aborda suas dimensões, repercussões e aplicações ecológicas.

E, a *Psicologia Transpessoal que é o estudo e prática psicológica* dessas experiências, incluindo a natureza, as variedades, causas e efeitos das experiências e do desenvolvimento transpessoal, como também as psicologias, filosofias, artes, culturas, educação, estilos de vida, reações e religiões por elas inspiradas ou voltados à indução, expressão, aplicação ou compreensão.

Pierre Weil, realizando uma síntese da definição inicial de Sutich, sugere que ela seja, um ramo da Psicologia especializada no estudo dos estados de consciência, lida mais especificadamente com a “experiência Cósmica” ou estados ditos “Superiores” ou “ampliados” da consciência (Weil 1982).

Hoje podemos definir a Psicologia Transpessoal como o estudo e a aplicação dos diferentes níveis de consciência em direção à unidade fundamental do Ser (Saldanha, 1999 – 2ªed).

Necessariamente esta definição implica em três aspectos básicos: a existência de uma dimensão superior de consciência, o trabalho vivencial através de diferentes estados da consciência com as polaridades do inconsciente inferior e superior e a síntese entre níveis experienciais e evolutivos.

Este enfoque torna possível a atuação dos níveis citados de forma mais harmoniosa para o indivíduo e para o ambiente, possibilitando a plena expressão do ser.

Também distingue claramente o contexto da psicologia profunda de práticas religiosas, dogmas ou crenças pessoais. Maslow, desde o início de sua proposta, sinaliza enfaticamente que a “experiência” transcendental ou espiritual antecede à dogmas ou crenças religiosas (Maslow, 2000).

Ele afirmou que, tanto quanto a ciência materialista, a religião foi nefasta ao dividir o homem em espírito e corpo, se “apropriando” do espírito e delegando à ciência o conhecimento da matéria. Ser “humano” não é corpo sem espírito, ou espírito sem corpo. É o corpo e o espírito integrados; é este desenvolvimento pleno e inteireza que devemos favorecer.

Para possibilitar que esta dimensão tão sutil, impalpável tivesse uma visibilidade, uma porta de entrada acessível à partir do conceito teórico do “o que é Psicologia

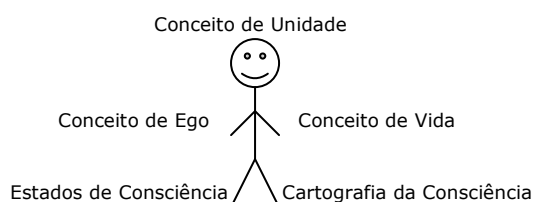
Transpessoal” elaboramos uma sistematização que favorece a apresentação metodológica dos recursos técnicos, propiciando de forma clara e coerente com sua teoria, a aplicabilidade destes postulados no enfoque clínico, educacional e nas instituições.

Nestes últimos anos acolhendo contribuições teóricas-vivenciais e estudando com profissionais europeus, norte-americanos e brasileiros, pudemos observar que a abordagem transpessoal já tinha maturidade suficiente para oferecer um corpo teórico que desse sustentação em seus aspectos estruturais e dinâmicos de forma bastante compreensível em sua base metodológica.

Essa sistematização a qual denominamos de Integrativa Transpessoal foi objeto de nossa dissertação de mestrado. A utilização desses princípios em uma Didática de Ensino em Psicologia Transpessoal é hoje objeto de nossa tese de doutorado.

De forma sucinta apresentaremos esse corpo teórico que nos dá uma visão do que é a Psicologia Transpessoal; esta possibilidade tão rica que hoje temos em psicologia da inserção da espiritualidade como dimensão legítima de nossa própria “humanidade”, que favorece a transformação, o processo de cura e aprendizagem.

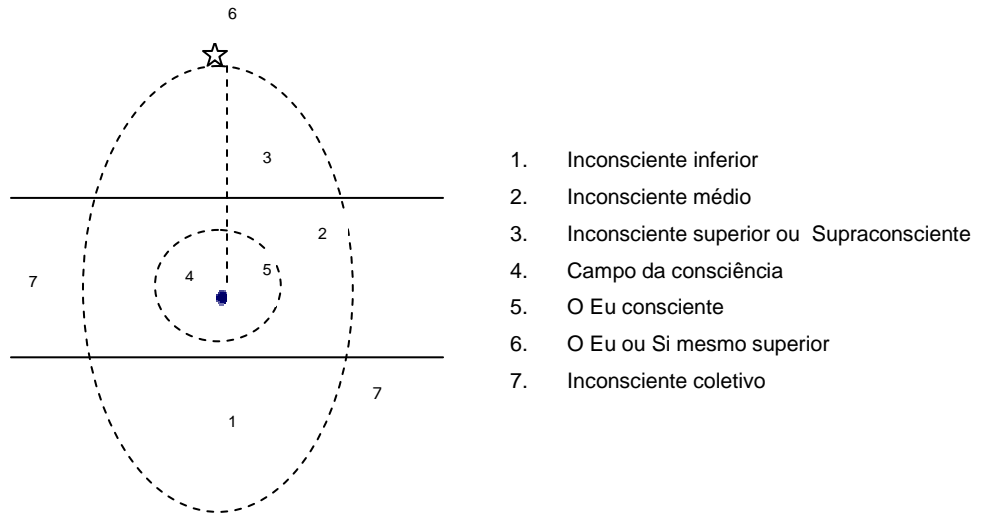
O corpo teórico é constituído pelo conceito de Unidade, Vida, Ego, Estados de Consciência e Cartografia da Consciência, representados pela imagem abaixo:



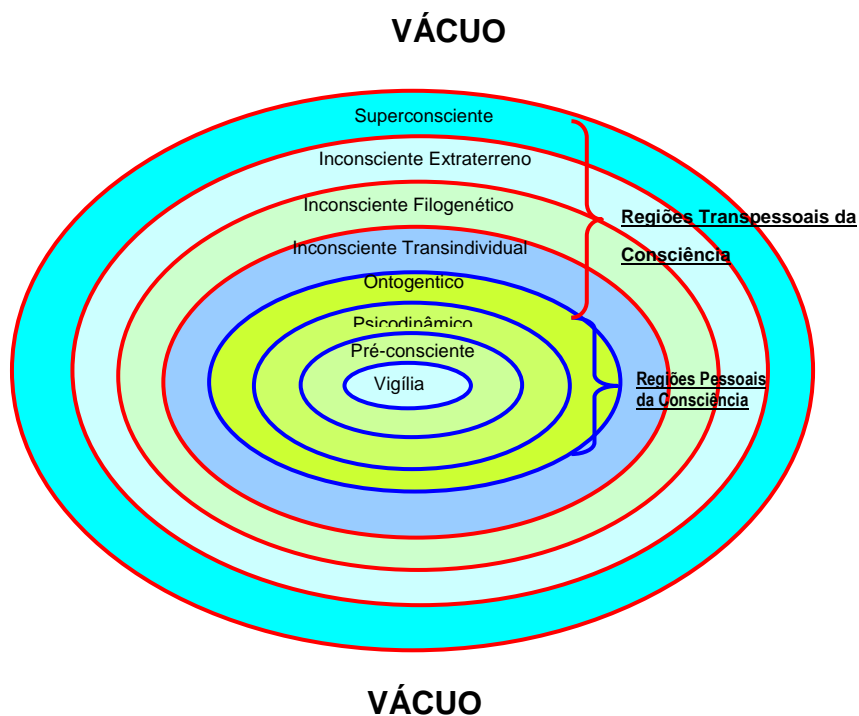
Os estados de consciência são o caminho através do qual se dá o processo em Psicologia Transpessoal. São inúmeros estados de consciência vivenciados nesta abordagem, porém destacaremos agora como mais demarcatórios a consciência de vigília, o sono, sonho e estado de consciência cósmica ou plena consciência. Os estados de devaneio e de despertar são também bastante sensibilizados no trabalho de orientação transpessoal como instrumentos significativos de imersão e emergência transpessoal.

De acordo com o estado de consciência que o indivíduo está vivenciando despontam distintos conteúdos, que podem ser classificados em uma “Cartografia da Consciência”, ou seja, um mapeamento do que poderá emergir da psique, para que o psicoterapeuta, o educador ou o focalizador tenha uma compreensão didática.

De acordo com o autor deste mapeamento, poderão ter denominações diferentes os territórios similares da mente humana. Por exemplo, Assagioli estrutura um modelo de organização destes conteúdos da seguinte maneira:(Assagioli, 1993)



Kenething Ring, por sua vez, faz uma denominação desta cartografia da consciência bastante didática abrangendo: consciência, pré-consciência, inconsciente psicodinâmico, inconsciente ontogénético, transindividual, filogenético, extraterreno, superconsciente e vácuo propondo a imagem de um cone, que vista de cima teríamos a representação abaixo (Kenething, 1978):



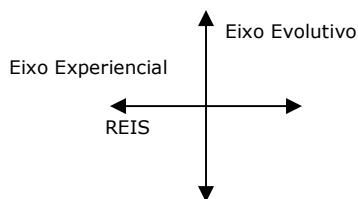
Esses conceitos cartográficos naturalmente levam à uma nova visão antropológica e gnosologia na qual a vida se revela como algo infinito e se mostra através de distintas mortes e renascimento.

O trabalho com a morte, tanto biológica como as mortes psicológicas em uma mesma existência são fundamentais neste referencial e resgatam um novo conceito de ego, através dos trabalhos de morte e renascimento do ego.

Um ego bem estruturado, mas flexível, que se expande e sob certas circunstâncias se dissipa é forte o bastante para se permitir “morrer” em legítimas experiências do transpessoal e renascer cada vez mais saudável.

Todo esse processo converge naturalmente para a vivência da unidade – o resgate da percepção de que somos parte do todo e simultaneamente o todo está em nós. A separação só ocorre na dimensão mais concreta dos cinco sentidos.

Esse corpo teórico é articulado através de dois eixos: experiencial e evolutivo, representados simbolicamente por uma linha horizontal e outra vertical que se cruzam ao meio.



O eixo experiencial representa a integração da RAZÃO, EMOÇÃO, INTUIÇÃO e SENSACÃO, e o eixo evolutivo a expressão da dimensão superior da consciência o supraconsciente. Apreendemos a realidade através do julgamento de conceitos ou valor (pensamento e sentimento) denominando-os com o termo RAZÃO e através da percepção (SENSACÃO E INTUIÇÃO). A EMOÇÃO é a manifestação do sentimento mais o afeto, expressam o movimento, o combustível que muitas vezes move as outras funções psíquicas (RAZÃO, INTUIÇÃO e SENSACÃO).

Para o enfoque Transpessoal a intuição é uma função supra-racional. Em que pese a contribuição de Jung como um dos precursores da transpessoal, Assagioli considerou que neste parecer sobre a intuição houve um equívoco de Jung ao nominá-la como irracional (Assagioli, 1993).

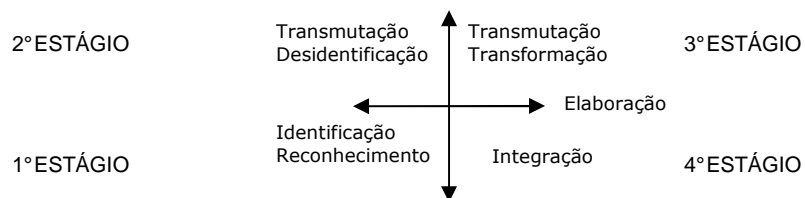
Essa representação dinâmica dos dois eixos configura quatro estágios. Cada um deles revelam etapas do desenvolvimento psíquico que ocorrem quando aplicamos uma técnica interativa de orientação Transpessoal. Estas etapas também podem se manifestar ao longo de um processo terapêutico de orientação transpessoal, pois representam também etapas do

próprio desenvolvimento humano como um todo. Sete são as etapas do processo de desenvolvimento em Psicologia Transpessoal neste contexto: Reconhecimento; Identificação; Desidentificação; Transmutação; Transformação; Elaboração e Integração.

Jean Yves Leloup afirma que o indivíduo nasce de uma unidade indiferenciada. Ele era parte do todo, mas não tinha consciência disto: Vai para a dualidade onde vivencia a polaridade, os obstáculos e desafios do universo, interno e externo, até que retorna à unidade, mas agora já com consciência, tornando-se, uma unidade diferenciada.

Estas sete etapas indicam a transição do estágio de indiferenciação em direção ao desenvolvimento do processo dual, desde o reconhecimento até o retorno à unidade diferenciada já com consciência. Este percurso é vivenciado não só na existência como um todo, mas tematicamente em cada momento de nossa vida.

A primeira etapa é o momento do reconhecimento e da interação com congruência dos elementos da RAZÃO, EMOÇÃO, INTUIÇÃO e SENSACÃO; tarefas do primeiro estágio o qual possibilita a identificação experiencial do momento que o indivíduo está vivenciando. A seguir ocorre a desidentificação ampliando a percepção da realidade, diferenciando o “estar” do ser e manifestando o eixo experiencial configurando um segundo estágio. Este eixo traz em si uma dimensão mais ampla ainda, com conteúdos do supraconsciente gerando novas informações, transmutando e despontando a dinâmica do terceiro estágio. Essa dinâmica evidencia a transformação e a elaboração da resposta inovadora para questões antigas ou situações novas e que eram obscuras. À partir deste momento psíquico, o próximo passo se dá no quarto estágio que é a integração no nível pessoal e no âmbito do coletivo. É um processo extremamente dinâmico onde as etapas poderão ocorrer algumas vezes simultaneamente e os estágios se interpenetrarem, contudo é possível imaginá-las, visualizando-as didaticamente:



Há uma importância vital de se favorecer no trabalho de orientação transpessoal, seja através dos recursos técnicos, da própria postura, relação e escuta, a vivência de todas as sete etapas para que o processo realmente ocorra integralmente, sem identificações parciais, fragmentação ou inflação egóica.

A descrição desta sistematização, desde o corpo teórico até as sete etapas, são resultados não só das aquisições teóricas e vivenciais, mas sobretudo das observações ao se aplicar recursos da Psicologia Transpessoal na prática clínica e na educação.

Acreditamos que estas etapas aconteçam naturalmente em um processo de desenvolvimento saudável do Ser, onde não se negligencia nenhuma dimensão de sua natureza humana.

Ao estimularmos estas etapas através de práticas clínicas, estaríamos permitindo que uma síntese acelerada ocorresse no processo evolutivo, através dos recursos terapêuticos.

Na educação também observamos estas etapas, ressaltando que há uma contextualização e adequação natural dos exercícios transpessoais quando utilizamos fora do setting terapêutico, em espaços educacionais, organização ou instituições.

Observamos sobretudo, que para aplicar a Psicologia Transpessoal é essencial que a pessoa tenha vivenciado em si próprio esta dinâmica.

O que foi tímida e isoladamente, sob certos aspectos, introduzido em meados do século passado constitui hoje uma área legítima e necessária do saber em psicologia.

Sem dúvida temos muito que caminhar nesta ciência tão jovem que é a Psicologia, mas com mais responsabilidade; com recursos que nos ajudam a compreender melhor homens e mulheres que tomaram grandes decisões em nosso mundo, a compreender mais intensamente o momento atual, a nos conhecermos melhor em nossas escolhas e em nossa decisão de estarmos plenamente vivos!

Vivenciando a dimensão do transcendente aqui e agora, em nosso Planeta com clareza e ação; em um tempo tão dramático e paradoxalmente singular e especial onde mais do que nunca no coletivo e talvez no nível pessoal a verdadeira dimensão humana pede passagem para revelar-se manifestando valores saudáveis. Esta é uma Terra abençoada, contribuir para um cenário menos terrível ao longo do século XXI dependerá desde já da ação de cada um de nós. Caminhar é preciso, seja cada passo com uma consciência mais desperta.

A Transpessoal vem trazer a perspectiva destes novos passos, de nos conhecermos em nossa inteireza, no mais hediondo e no mais luminoso de nosso ser e de irmos além, despertando para a Plena Consciência, aquela que É tudo e em todos, contribuindo para o aprimoramento pessoal e para uma sociedade mais lúcida, que favorecerá à pessoas serem naturalmente melhores.

Assim, ao concluirmos as reflexões sobre “o que é Psicologia Transpessoal” no cenário do mundo atual, além das respostas que você leitor também poderá ter trazido à tona, podemos constatar que é hoje uma abordagem psicológica com uma ampla visão de mundo e

de homem. Apresenta um constructo teórico e prático reconhecido por inúmeros trabalhos acadêmicos no Brasil e Exterior, evidenciando acima de tudo um caminho que nos convida a uma jornada muito mais profunda em nosso percurso existencial e planetário.

BIBLIOGRAFIA

- ALMENDRO, Manuel. *Psicologia y psicoterapia transpersonal*. España: Kairós 1995. 413p.
- ALMENDRO, Manuel, *et al.* *La Consciencia Transpersonal*. España: Kairós, 1999. 529p.
- ASSAGIOLI, Roberto. *Ser Transpessoal*. España: Gaia, 1993. 334p.
- FADIMAN, James, FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986. 393p.
- GIORGI, Amedeo. *A psicologia como ciência humana; uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte: Interlivros, 1978. 230p.
- GROF, Stanislav. *Além do Cérebro*. São Paulo: McGRAW-HILL, 1988. 327p.
- GROF, Stanislav; WALSH, Roger; ROWAN, John. *La Consciencia transpersonal*. Barcelona: Kairós, 199. 526p
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1995, 598p.
- LELOUP, Jean-Yves. *Carência e plenitude; elementos para uma memória do essencial*. Petrópolis: Vozes, 2001. 230p.
- _____. *Caminhos da realização; dos medos do eu ao mergulho do eu profundo*. Petrópolis: Vozes, 1996. 221p.
- MASLOW, Abraham H. *La amplitud potencial de la naturaleza humana*. 2ª ed. Mexico: Trilhas, 1990. 398p.
- _____. *Toward a psychology of being*. 2ª ed. New York: D. Van Nostrand Company, 1968. 240p.
- _____. *Maslow no gerenciamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000. 392p.
- _____. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, [s.d]. 279p.
- PETER, Ricardo. *Viktor Frankl; a antropologia como terapia*. São Paulo: Paulus, 1999. 119p.
- SALDANHA, Vera. *A psicoterapia transpessoal*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1999. 190p.
- SIMÕES, Mário *et al.* *O que é transpessoal?*. Lisboa: Temática, 1997. 136p.
- SIMÕES, Mário; SALDANHA, Vera; RESENDE, Mário e outros. *Psicologia da Consciência*. Lisboa: Lidel, 2003, 342p.
- SUTICH, Antony J. *Some Considerations Regarding Transpersonal Psychology*. In: *The Journal of Transpersonal Psychology*, v. I, n. 1.1969b, 72p.
- RING, Kenneth, WEIL, Pierre, DEIKAMAN, Arthur J. *Cartografia da Consciência Humana*. vol. 5/I. Petrópolis: Vozes, 1978. 99p.

- WALSH, Roger, VAUGHAN, Frances (orgs.). *Caminhos além do Ego*; uma visão transpessoal. São Paulo: Cultrix, 1997. 266p.
- WEIL, Pierre. *A consciência cósmica*; introdução à psicologia Transpessoal. 2ª ed Petrópolis: Vozes, 1982. 88p.
- _____. *A morte da morte*. São Paulo: Gente, 1995. 209p.
- WILBER, Ken. *O olho do espírito*; uma visão integral para um mundo que ficou ligeiramente louco. São Paulo: Cultrix, 2001. 320p.
- WILBER, Ken. *A consciência sem fronteiras*; pontos de vista do Oriente e do Ocidente sobre o crescimento pessoal. São Paulo: Cultrix, 1991. 204p.